

Tassamuh:

O islamismo em São Paulo na segunda metade do século XX

(O islamismo em deslocamento)

HENRY ALBERT YUKIO NAKASHIMA*

Após os ataques ao *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001, a concepção equivocada que o mundo tinha do árabe foi seriamente agravada. Nessa onda de terror e desinformação – a primeira, talvez, como fruto da segunda -, o árabe, e particularmente o muçulmano,¹ teve sua imagem profundamente associada à violência e ao terrorismo. É preciso, portanto, que essa visão preconceituosa seja excluída do cotidiano e das práticas sociais. A seguir, observaremos os deslocamentos realizados pelos praticantes da religião do profeta Mohammad no mundo e no Brasil, e como essas migrações foram importantes no processo que fez do islamismo praticado no Brasil algo peculiar, para assim, repensarmos nossa relação com a alteridade.

Na metade do século XX, o Líbano já tinha passado pela ocupação otomana e francesa,² por conflitos religiosos,³ e guerras;⁴ a realidade presente não estimulava a permanência em suas terras quentes. Em meio a um cenário de conflitos armados, bombardeios, e escassez de alimentos, poucos negariam a possibilidade de deixar sua terra ao testemunhar tão incerta realidade. Essa série de situações estimulou

* Henry Albert Yukio Nakashima é Mestrando em História Social pela PUC-SP, trabalha o tema: islamismo em São Paulo na segunda metade do século XX. É pesquisador do Núcleo de Estudos de História Social da Cidade (NEHSC). Bolsista CNPq. E-mail: exohenry@gmail.com

¹ É comum associar o islamismo ao árabe e vice-versa. Apesar de compreensível, é algo que deve ser desmistificado. Em primeiro lugar, porque islamismo é referente à religião que tem em Mohammad seu profeta; ou seja, muçulmano, o seguidor do islamismo, é todo aquele que se submete a Deus e suas leis, compostas no Alcorão. Árabe, por sua vez, se refere a uma etnia, mas também está relacionado a uma característica identitária; é o indivíduo pertencente à etnia árabe, ou a alguém que se identifique com tal cultura; de forma geral, por meio do idioma. A associação entre o islamismo e o árabe se dá em razão de essa prática religiosa ter surgido na Arábia Saudita e ter se difundido por meio dessa cultura.

² A região fazia parte do Império Otomano até o fim da Primeira Guerra Mundial, quando, com o colapso do Império, a França passou a ser mandatária das cinco províncias que compõem o Líbano. A ocupação francesa só chegou ao final em 1946, três anos após a conquista da independência.

³ Apesar de, em 1942, o Líbano ter adotado um sistema político que inclui as três religiões mais numerosas do país, Maronitas, Drusos e Muçulmanos, os conflitos religiosos não findaram.

⁴ Guerras Mundiais e civis.

deslocamentos que foram determinantes para o futuro de milhares de pessoas. Muitas delas encontraram no Brasil uma alternativa para viver, sejam cristãs ou muçulmanas.

É certo, porém, que anteriormente a esse período a imigração já estava presente na vida de diversas famílias. A partir da segunda metade do século XIX a imigração para o Brasil incluiu em nossa miscigenada história novos elementos culturais. Do Oriente Médio vieram, em duas etapas, diversos imigrantes trazendo na bagagem, seus costumes, tradições e hábitos religiosos. Entretanto, num primeiro momento, é preciso destacar, a população árabe (majoritariamente sírio-libanesa), que trouxe na bagagem as tradições muçulmanas, era ínfima. Os que chegavam eram cristãos maronitas.

A primeira etapa tem início em 1860/1870 e termina em 1938, com o início da Segunda Guerra Mundial. Esta etapa compreende três levadas distintas de imigração:

1ª leva imigratória – 1860 a 1900

2ª leva imigratória – 1900 a 1914

3ª leva imigratória – 1918 a 1938

A segunda etapa tem início em 1945 e continua até [...] 1984. Compreende também três levadas distintas de imigração:

4ª leva imigratória – 1945 a 1955

5ª leva imigratória – 1956 a 1970

6ª leva imigratória – 1971 a 1984

(HAJJAR, 1985, p. 86)

O número de migrantes muçulmanos só passou a crescer depois da fastidiosa Segunda Guerra Mundial, na segunda etapa migratória, tornando essa comunidade mais expressiva, apesar de ainda permanecer com números irrisórios se pensarmos na magnitude de outras religiões presentes no país.

Pensemos, no entanto, em como essas migrações, esses deslocamentos, influenciam a forma de se viver, e agregaram novos valores e costumes à vida dessas pessoas.

Deslocar-se é uma característica natural do ser humano. Antes de adotarmos uma vida sedentária, estabelecida em um sistema de relativo conforto, era comum a muitos povos a prática do nomadismo. Mesmo criando raízes em um lugar, e desenvolvendo uma estrutura que nos possibilitou suprir nossas necessidades em nossos quintais, em algum momento foi necessário mudar de local para que o ciclo da natureza pudesse restabelecer a produtividade da terra. Da mesma forma, algo sempre nos estimulou a ir além, a continuar caminhando pelo mundo.

Engana-se, não obstante, aquele que vê na formação de nações e territórios um assentamento mais definitivo. Os deslocamentos são os mais variáveis possíveis, dos mais triviais, como sair de um bairro a outro, para chegar ao trabalho, aos mais complexos, como deixar a terra natal em nome de uma vida menos árdua, com mais oportunidade e chance de prosperar, conseqüência de crises ou mesmo guerras. E essas migrações se elevaram com a modernidade, a globalização. Não poderia ser diferente, portanto, com os praticantes da fé muçulmana, especialmente porque, desde seu surgimento, se expande por todas as regiões do planeta.

Tendo o judaísmo e, posteriormente, o cristianismo não compreendido as revelações divinas, diz a tradição que o arcanjo Gabriel apareceu diante de Mohammad, o último profeta, e lhe apresentou um livro cujo conteúdo foi facilmente decodificado, mesmo sendo ele analfabeto. Disse Deus, por meio desse livro, sobre sua Sua magnificência, assim como expôs sobre a pequenez do homem. Mohammad, a princípio relutava em divulgar tais revelações⁵ além do seu círculo mais íntimo de contatos. Com o tempo, no entanto, passou a proferir para o público em geral as palavras de Deus, o que lhe causou grandes problemas, pois a revelação monoteísta encontrou grande resistência na Arábia, onde, em larga medida, circulavam as ideias politeístas.

A Arábia, antes do islamismo, era território do politeísmo semítico, do judaísmo arabizante e do cristianismo bizantino. As regiões do norte e do leste, atravessadas pelas grandes rotas comerciais, foram profundamente influenciadas pelo helenismo e pelos romanos. (ELIADE; COULIANO, 2003, p.191)

À medida que os seguidores de Mohammad cresciam, seus opositores se mostravam mais intolerantes. Tendo posta em dúvida a veracidade de suas palavras, a situação se mostrou insustentável a ponto de ter que procurar abrigo em outras localidades; encontrou em Medina, cidade 400 km ao norte, aonde, pouco a pouco, seus partidários prosseguiram, até que em 622 o próprio Profeta se mudou, o que ficou conhecido como a Hégira, a emigração.

A expansão islâmica se iniciou intensamente já no tempo do profeta. Em meados do século VII, alcançaram o Egito, onde encontraram pouca resistência, salvo na região do delta; e já tinham estabelecido relações com os etíopes – região onde "Osmã,

⁵ Tais revelações compõem o Alcorão, cujo nome tem origem em *qara'a*, que significa ler, declamar.

sobrinho de Maomé, exilou-se [...] por volta de 615, e lá também se abrigaram, durante a hégira". (SILVA, 2006, p. 294)

O próprio comércio através do Saara era um bom transmissor do islão, pois os moslins predominavam nas cálifas e entre os habitantes do oásis onde elas se detinham.

A palavra do islame não saiu apenas da boca dos mercadores. Veio também com missionários, homens que se acreditavam no dever de propagar a fé. Alguns deles eram xerifes, ou descendentes do Profeta, e andavam por terras distantes, com seus turbantes verdes, a rezar, a pregar, a curar, a dirimir dúvidas e conflitos. (SILVA, 2006, p. 395)

Em questão de poucas décadas já estavam presentes em todo norte africano, e

Em 711, um exército formado principalmente por soldados berberes⁶ atravessou o estreito de Gibraltar e iniciou a conquista da Península. Estava a completar-se um século sobre a data em que Maomet iniciara, na Arábia, a sua pregação (612). Cem anos tinha sido tempo bastante para que os Árabes tivessem conseguido estender a religião e o domínio político num imenso espaço que ia desde o oceano Índico ao Atlântico. (SARAIVA, 2004, p. 49)

Permaneceram na península até o século XV, quando os reis católicos, Fernando e Isabel, os expulsaram da última região controlada por muçulmanos, Granada. Nesse mesmo período, o islamismo se estabeleceu na Indonésia, onde, atualmente, é o país com o maior número de muçulmanos.

Pôde-se notar até agora a expansão islâmica vinculada à propagação de sua fé, mas também relacionada ao estabelecimento das rotas comerciais. Porém, uma prática muito utilizada por europeus durante séculos fez surgir uma nova modalidade de deslocamento na vida de muitos muçulmanos, a escravidão.

Tendo estabelecido a escravidão como negócio rentável para todos os envolvidos, salvo os próprios escravizados, no século XIX, em meio aos milhares e milhares de pessoas extirpadas de sua terra, vieram diversos muçulmanos oriundos de regiões já convertidas e submetidas às leis do Deus único. Ou seja, praticantes de um deslocamento forçado.

Interessante notar que esses negros escravizados eram praticantes de um islamismo fruto das relações que sua terra natal tinha com os árabes.⁷ Dessa forma,

⁶ Povos do norte da África.

⁷ Cabe citar outra prática, no mínimo curiosa, desses muçulmanos: a compra de Corões em uma época

desenvolveram uma prática alicerçada tanto nas leis islâmicas quanto em suas antigas tradições. “O Islã foi introduzido no Brasil por escravos de varias regiões do continente africano,⁸ mas aqui a religião será conhecida como o culto dos escravos malês”. (RAMOS *apud* MOREIRA, 2004, p. 36)

[...] suas atividades animistas e pensamentos mágicos faziam parte dos seus cultos, demonstrando a influência das tradições africanas. De maneira fetichista, os malês utilizavam diversos objetos para controlar os astrais incertos dos espíritos e também buscavam proteção entre as entidades do bem e do mal, embora não exercessem a idolatria. Essas mandingas eram, na maior parte, fragmentos ou versetos do Alcorão, escritos em caracteres árabes, em pedaços de papel, em pequenas tábuas ou em outros objetos que eles guardavam. Não obstante a proibição do islamismo, os malês viviam de suas práticas mágicas, evocando os ‘aligenum’ (espíritos), fazendo idanas e mandingas. Nas suas feitiçarias, costumavam escrever numa tábua de madeira, lavando-a depois com água, que infundia virtudes poderosas a quem a bebesse. Como contra feitiço, usavam uma pequena bolsa que traziam pendurada no pescoço, contendo uma oração quase acompanhada de um sinal cabalístico, o conhecido signo de Salomão da magia tradicional. (RAMOS *apud* MOREIRA, 2004, p. 38)

Revoltosos com a condição de escravizados, algo terminantemente proibido pelo Alcorão, fomentaram uma revolta que entrou para a história como A Revolta dos Malês. Porém, tão logo essa manifestação foi controlada, muitos foram mortos ou deportados de volta à África, em um deslocamento inverso – mas igualmente imperioso.

Facilmente, podemos constatar as diversas formas de deslocamentos que o ser humano pratica. No caso dos muçulmanos, observamos a expansão associada ao comércio e à divulgação de sua fé, e também o deslocamento forçado, caso dos malês. A instabilidade econômica, a falta de perspectiva, a insegurança, e o anseio por uma vida melhor, impulsionaram um novo deslocamento, completamente distinto dos citados, a imigração.

Desde o século XIX o Brasil recebeu imigrantes oriundos da região do Líbano e do Oriente Médio. Somente as Grandes Guerras interromperam – momentaneamente - o fluxo migratório, mas posteriormente, foram um novo motivo de êxodo. Famílias

cujos leitores eram um grupo restrito à elite branca, geralmente, os "donos" desses escravizados.

⁸ Moreira cita aqui uma nota sobre Nina Rodrigues, para o qual “os escravos islamizados na África ocidental e que foram trazidos para o Brasil eram de diversas etnias. São elas: Haussás, jejes, nagôs, tapas, mandigos (conhecidos também como malinkes), Kanuris, Fulânis, bornus. (RODRIGUES *apud* MOREIRA, 2004, p.37)

vieram, ainda que em levas distintas, demonstrando que qualquer condição aqui encontrada era consideravelmente melhor do que a situação em sua terra natal.

No Brasil - mesmo tendo em sua história diversos momentos de intolerância à alteridade -, aos imigrantes eram reservados os direitos de praticar sua fé. Encontramos hoje a prova dessa abertura. Mesquitas são construídas pelo território nacional e a fé muçulmana cresce onde a desigualdade social impera. Porém, esse “fenômeno”, ainda que consequência de um processo religioso iniciado com Mohammad, no século VI, é um islamismo peculiar ao Brasil. Certamente, seus dogmas permanecem, mas, a exemplo dos negros muçulmanos, estão inseridos em um contexto específico que traz novos elementos a essa manifestação de fé.

As mudanças não se perdem na história, permanecem como parte do processo, mas mais significativo se torna quando alguém praticante - e com relativa importância na comunidade muçulmana, como é o caso de Samir El Hayek – afirma que o islamismo brasileiro é diferente do praticado do outro lado do oceano.

Na 4ª leva imigratória está inserido El Hayek, um imigrante libanês que aqui chegou nos anos 1950 para reencontrar seu pai, que viera antes. Em seu relato, a visão de um mundo novo, uma cultura extremamente diferente, o islamismo no Brasil, e as transformações pelas quais a prática religiosa passou para se manter atuante. Pois, se a princípio, as leis e recomendações religiosas são o alicerce de todo fiel muçulmano, o contato com outras culturas, inevitavelmente, influenciam as tradições; e, por mais distintas que possam parecer, diferentes culturas, quando em contato, trocam elementos que, a longo prazo, se tornarão novas práticas. Os fundamentos permanecem como conexão com o divino e a fé, mas sua prática fica sujeita às especificidades do local de contato e das condições do momento.

De acordo com El Hayek, o início do processo dessas transformações religiosas foi na década de 1960. Até então, poder-se-ia identificar o islamismo tal qual o praticado na península arábica e arredores. Mas a distância entre os fiéis fragmentava a prática coletiva, pois apesar de as leis e rezas serem realizadas e praticadas – além de recomendadas - também no particular, é notório que é juntamente à comunidade que a religião se fortalece.

Poder-se-ia ressaltar que, naquele período, a grande distância entre as residências e a Mesquita Brasil,⁹ até então a única do Brasil, seria o ponto de ruptura; das transformações que o islamismo sofreria no Brasil, tornando-se diferenciando do praticado no Oriente Médio, pois a dificuldade em manter o ritual religioso poderia enfraquecer sua prática. Mas o fato de essa religião estar em crescimento já invalidaria tal suposição, haja vista o número de mesquitas e fiéis existentes hoje.

Mais do que isso, existem fatores socioculturais que, a partir da metade do século XX, passaram a influenciar mais efetivamente a religião de modo que esse islamismo se tornou peculiar no Brasil. Portanto, deve-se considerar o crescimento – ainda que em baixa escala – que a própria religião teve, em razão da segunda etapa imigratória. “A partir de 45 até 56, [...] diariamente chegavam navios com a comunidade, com o pessoal vindo do Líbano pra cá”, (HAYEK, entrevistado em 29/08/2009) reduzindo seu isolamento e deixando-a mais exposta a tais influências; além da necessidade de se “adaptar” ao novo país, o que a leva a abrir mão de certos fundamentos.

Cabe destacar os espaços onde essas pessoas se instalaram. Em São Paulo, a princípio, se instalaram nos arredores da região conhecida até os dias atuais como local de peregrinação dos consumidores, a região da 25 de março. O tempo – e a necessidade – se encarregou de espalhá-los pela cidade. Hoje, ainda há remanescentes na região central, mas há concentrações no extremo leste, e, na região sul, onde puderam encontrar imóveis com valores mais acessíveis. De forma geral, buscaram abrigo nas proximidades de seus conterrâneos, conhecidos ou parentes. Até mesmo pela questão do trabalho, pois, tendo a princípio – e de forma predominante –, se envolvido com atividades comerciais, era comum que o primeiro emprego fosse dado por algum conhecido, que cedia material para mascatear. Assim, acompanhavam o crescimento dos bairros, cidades e Estados. Quando o país ganhou uma nova capital, muitos para lá se transferiram na esperança de incrementar seus negócios. A expectativa era de grandes possibilidades, já que, naturalmente, era de se esperar grandes movimentações de pessoas, conseqüentemente, de consumidores. A cidade crescia, e atrás dela iam os mascates.

⁹ Fundada em 1956.

A carência de mesquitas obrigava os muçulmanos a realizarem grandes andanças urbanas para chegar à Mesquita Brasil, única até então. Pegava-se "o bonde e ia pro centro da cidade, no centro da cidade, ia a pé até a mesquita. Desse jeito agente fazia. E fazia o caminho inverso também. Ia pro centro da cidade e pegava o bonde e vinha pra casa". (HAYEK, entrevistado em 29/08/2009)

Esses migrantes árabes, apesar de terem se estabelecido no Brasil, adotaram também uma nova prática de deslocamento aos seus hábitos, pois, com frequência, atravessam o oceano Atlântico para visitar sua terra natal. Em suas idas e vindas, mantêm uma ponte entre as famílias. Se não conseguem ir anualmente, esforçam-se para que não tarde uma visita aos parentes, ou mesmo, que, pelo menos, seus filhos conheçam a terra de origem. Muitos jovens vão para estudar ou apenas para conhecer os parentes. De qualquer forma, estabelecem o costume de manter contato com a terra natal de seus pais ou avós.

No que se refere ao muçulmano, ainda há uma modalidade a ser destacada, talvez, a mais importante, o quinto pilar islâmico. Diz ele que, se houver condições, pelo menos uma vez na vida o fiel deve peregrinar a Makka (Meca). Ou seja, esteja onde estiver, o muçulmano tem consciência de seu dever. Tão significativo quanto migrar por uma vida melhor, é um fundamento religioso, que inspira seu deslocamento e o conecta com o divino.¹⁰

Ainda que brevemente, foi possível notar alguns exemplos de deslocamentos realizados pelos muçulmanos. Desde sua origem, no século VII, o islamismo está em movimento em diversos territórios, com diversas culturas. Engana-se aquele que vê em tal prática religiosa algo preso a uma mentalidade obscurantista. Anuviada está a forma como se vê esses religiosos e suas culturas. Tão dinâmica quanto qualquer outra religião, é o islamismo se deslocando pelo planeta.

O mundo com fronteiras só existe na política e em suas convenções. A cultura não pode ser impedida, tampouco sua difusão quando se depara com outras tradições. A pesquisa do islamismo no Brasil vai além de um estudo religioso. É a reconstrução de um período histórico que já nasceu fadado à discriminação por conter todos os

¹⁰ Os outros quatro pilares são: 1) Não há Deus senão Allah, e Mohammad é seu profeta; 2) Cumprir com as orações diárias; 3) Pagar o *zacam*, um tributo aos mais pobres; 4) Jejuar no Ramadã, no nono mês do calendário lunar, período que foi revelado o Alcorão.

elementos pré-julgados pela cultura ocidental. Visando fazer do orientalismo¹¹ uma mentalidade de outrora, estudar a diversidade que compõe as identidades brasileiras, faz-se necessário para, pelo menos, minimizarmos as injustiças históricas cometidas às diversas culturas que nos compõe enquanto cidadãos brasileiros. Especialmente com a declaração de El Hayek. Ao final da entrevista, foi lhe pedido que definisse em uma palavra sua vida no Brasil, e com a certeza de alguém que prosperou, disse: *Tassamuh* (tolerância). A tolerância que lhe permitiu viver, praticar sua fé, e fazer parte do Brasil.

Referências

Entrevista realizada pelo autor com o libanês Samir El Hayek, tradutor, no dia 29 de agosto de 2009 na Mesquita de Santo Amaro, localizada à Rua Yervant Kissajikian, 106.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. *Dicionário das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FAUSTO, Boris. *Imigração: Cortes e Continuidades*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org). *História da Vida Privada no Brasil – Vol. IV*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FILORAMO, Giovanni. *Monoteísmos e dualismos: as religiões da salvação*. São Paulo: Hedra, 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Sobrados & mucambos*. 16ª Ed. São Paulo: Global, 2006

GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. *Observando o Islã*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GOMES, Angela de Castro. *A Política brasileira em busca da modernidade: Na fronteira entre o público e o privado*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. (org). *História da Vida Privada no Brasil – Vol. IV*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe Cem anos de reflexão*. São Paulo: Cone Editora, 1985.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

REIS, João José. *Rebelião escrava no Brasil: A história do levante dos malês em 1835*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹¹ Referente ao orientalismo criticado por Edward Said em sua obra *Orientalismo – O oriente como invenção do ocidente*.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RUCQUOI, Adeline. *História Medieval da Península Ibérica*. Lisboa: Editorial Estampa Lda, 1995.

SAID, Edward. *Orientalismo - O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, Nova edição, 2007.

SARAIVA, José Hermano. *História de Portugal*. 7ª Ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2004.

SILVA, Alberto da Costa e. *A enxada e a lança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

STARK, Rodney; BAINBRIDGE, William Sims. *Uma teoria da religião*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Teses, dissertações e monografias

GATTAZ, André Castanheira. *História da Imigração Libanesa para o Brasil - 1880 à 2000*. São Paulo, 2001. (Tese de Doutorado em História Social. Universidade de São Paulo)

MOREIRA, Leandro. *O Islã no Brasil: Os muçulmanos imigrantes e o islamismo em São Paulo*. São Paulo, 2004. (Dissertação de Mestrado em Sociologia. Universidade de São Paulo).

MONTENEGRO, Sílvia Maria. *Dilemas identitários do Islam no Brasil – A comunidade muçulmana sunita do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2000. (Tese de Doutorado em Antropologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro)

OSMAN, Samira. *Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral da vida familiar*. São Paulo, 1998. (Dissertação de mestrado em História. Universidade de São Paulo)

_____. *Entre o Líbano e o Brasil: Dinâmica Migratória e História Oral de Vida*. São Paulo, 2006. (Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo),

SÁFADY, Jorge. S. *A imigração árabe no Brasil*. São Paulo, 1972. (Tese de doutorado em História. Universidade de São Paulo. USP).

Artigos em meio eletrônico

BRUSTLEIN, Violette; WANIEZ, Philippe. Os muçulmanos no Brasil: elementos para uma geografia social. *Revista ALCEU*. Rio de Janeiro, v.1, n.2, p. 155-180, janeiro/julho, 2001. Disponível em:

http://publique.rdc.puc-rio.br/revistaalceu/media/alceu_n2_Waniez%20e%20Brustlein.pdf
acesso em: 5/02/2010.

CASTRO, Cristina Maria de. *A Liga da Juventude Islâmica e a construção de identidades muçulmanas no Brasil*. VII RAM – UFRGS – GT 24 *O Islã na Contemporaneidade: perspectivas identitárias/alteridade, migratórias e percepções do sensível*. Porto Alegre, 2007. Disponível em:

http://www.uff.br/objovem/mambo/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=124
acesso em: 23/08/2009.

GALA, Paulo. *Resenhas. Revista de Economia Política*. São Paulo, v. 25, n. 3 (99), p. 314-317, julho/setembro/2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rep/v25n3/a09v25n3.pdf> acesso em: 05/10/2009

HAJJAMI, Aïcha El. *A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade*. Cadernos Pagu (30), p. 107-120, janeiro-junho, 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n30/a09n30.pdf> acesso em: 20/03/2010

LIMA, Claudia Maria de Assis Rocha. *Heranças muçulmanas no nagô de Pernambuco: Construindo mitos fundadores da religião de matriz africana no Brasil*. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Pernambuco, Ano I, n. 3, p. 283-300, Janeiro, 2009. Disponível em:

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf2/texto%2015.pdf> acesso em: 25/01/2010.

MONTENEGRO, Silvia Maria. *Identidades muçulmanas no Brasil: entre o arabismo e a islamização*. *Lusotopie*. Rio de Janeiro, n. 2, p. 59-79, 2002. Disponível em:

<http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/montenegro.pdf> acesso em: 21/01/2010.

PINTO, Paulo Gabriel Hilu da Rocha. *Ritual, etnicidade e identidade religiosa nas comunidades muçulmanas no Brasil*. *Revista USP*. São Paulo, n. 67, p. 228-250, setembro/novembro, 2005. Disponível em:

<http://www.usp.br/revistausp/67/17-pinto.pdf> acesso em: 24/08/2009.

RODRIGUES, Alan; VANNUCHI, Camilo. “A Lei é Rígida” – *Entrevista com Samir El Hayek tradutor do Alcorão para o português*. *Revista de Estudos da Religião*. São Paulo, n. 2, p. 136-148, 2002. Disponível em:

http://pucsp.br/rever/rv2_2002/p_rodvan.pdf acesso em: 25/08/2009.

SILVA, Alberto da Costa e. *Comprando e vendendo Alcorões no Rio de Janeiro do século XIX*. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 285-294, 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100024 acesso em: 17/05/2008.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. *A vinda de libaneses e sírios ao Brasil*. Seminário *Relações entre o Brasil e o Mundo Árabe: Construção e Perspectivas*. Painele VII, *Cultura e Imigração Árabes: Influência na Sociedade Brasileira*. Realizado no Itamaraty em 07/06/2000. Disponível em:

<http://ftp.unb.br/pub/UNB/ipr/rel/funag/2001/3317.pdf> acesso em: 17/09/2009.